

# UMA ANÁLISE SOBRE O TERRITÓRIO À LUZ DA GEOGRAFIA

Auro de Jesus Rodrigues<sup>1</sup>  
José Adailton Barroso da Silva<sup>2</sup>  
Rita de Cássia Amorim Barroso<sup>3</sup>  
José Daniel Vieira<sup>4</sup>  
Raphael Luiz Macêdo Fontana<sup>5</sup>

Geografia



ISSN IMPRESSO 1980-1785  
ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

## RESUMO

Na Geografia, há diversos estudos e reflexões sobre o conceito de *território*. A categoria território, não é exclusiva à mesma, é um termo utilizado, também, por outras ciências. O *território* surge na Geografia Tradicional como um espaço concreto em si, que é apropriado e ocupado por um grupo social. Atualmente, na Geografia Contemporânea, há diversas abordagens sobre a categoria território em seus diversos tipos e em diferenciadas escalas, por exemplo, em complexidades territoriais, entendendo território como campo de forças sociais. Assim sendo, o presente trabalho consiste em analisar novas formas de abordagens da categoria território, na Geografia. Elaborado por meio de uma pesquisa bibliográfica por membros do grupo de pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano da Universidade Tiradentes (UNIT).

## PALAVRAS-CHAVE

Território. Categoria. Geografia.

## ABSTRACT

In geography, there are several studies and reflections on the concept of territory. The category area, is not limited thereto, is a term used also for other sciences. The territory appears in traditional geography as a concrete space itself, which is suitable and occupied by a social group. Currently, in Contemporary Geography, there are several approaches to the category territory in its various types and in different scales, for example, in territorial complexities, understanding territory as a field of social forces. Therefore, the present study is to examine new ways of approaches to territory category in Geography. Prepared by a literature search of members of the State research group, Capital and Urban Development (UNIT).

## KEYWORDS

Territory. Category. Geography.

## 1 INTRODUÇÃO

Na geografia, há diversos estudos, debates e reflexões sobre o conceito de *território*. Nesse sentido, a intenção, aqui, será o de abordar essa categoria no contexto da Geografia Tradicional e sua redefinição sob novas abordagens no contexto de geógrafos contemporâneos.

A categoria território, não é exclusiva à geografia, é um termo utilizado, também, pelo senso comum e por outras ciências. Geralmente, território refere-se a uma área delimitada sob a posse de um animal, de uma pessoa (ou grupo de pessoas), de uma organização ou de uma instituição. O termo é empregado, por exemplo, na política (referente ao Estado Nação), na biologia (área de vivência de uma espécie animal), na psicologia (ações de animais ou indivíduos para a defesa de um espaço). Há vários sentidos e escalas para a palavra território, mas todos compartilham da ideia de apropriação de uma parcela geográfica por um indivíduo ou uma coletividade.

Assim sendo, o presente trabalho consiste em analisar novas formas de abordagens da categoria território, na Geografia. Elaborado por meio de uma pesquisa bibliográfica por membros do grupo de pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano da Universidade Tiradentes (UNIT).

## 2 NOVAS FORMAS DE ABORDAGENS DO TERRITÓRIO NA GEOGRAFIA

O *território* surge na Geografia Tradicional como um espaço concreto em si, que é apropriado e ocupado por um grupo social.

O primeiro grande autor da Geografia que aprofunda, inicialmente, a discussão sobre o território foi o alemão Friedrich Ratzel. As obras de Ratzel, apresentadas nos seus dois livros mais famosos, *Antropogeografia* e *Geografia Política*, teve grande influência no desenvolvimento da ciência geográfica, destacando o estudo do homem sob a influência do meio natural, a importância do *território* e a sua relação com a sociedade, o Estado e o Poder. Nessas obras, fica clara a importância da geografia como ciência e como um instrumental estratégico, político e de dominação dos povos, pelos Estados Imperialistas e pelo Capitalismo.

É importante destacar três condições vivenciadas pela Alemanha, no início do século XIX: primeira, um território fragmentado em dezenas de pequenos feudos (reinos, principados, ducados e cidades livres); segunda, o desejo de unificação; terceira, as ideias expansionistas imperialistas, articulado ao capitalismo industrial.

A unificação da Alemanha foi liderada pela Prússia, incentivada, sobretudo, pela necessidade de se construir um Estado alemão rico e desenvolvido, para poder competir com as grandes nações europeias, especialmente a França e a Inglaterra. Neste contexto, a Geografia irá contribuir para o processo de unificação e atender aos interesses políticos e econômicos da aristocracia prussiana (os grandes proprietários de terra).

Em 1871, finalmente se legitima a unificação alemã e para justificar a unificação, o nacionalismo e o expansionismo foram as ideias de Ratzel um instrumento poderoso de legitimação do Estado alemão recém-constituído, como afirma Andrade (1987, p. 54): "Friedrich Ratzel [...] vivendo na Alemanha e tendo assistido a sua unificação sob a égide da Prússia, formulou uma concepção geográfica que correspondia aos anseios expansionistas do novo Império".

Friedrich Ratzel (1844-1904) realizou viagens pela Europa e América, observando a migração dos animais e humanos, a concentração destas populações em determinadas áreas da Terra o que lhe possibilitou chegar à conclusão da influência do meio natural sobre o homem. Essa influência pode, por exemplo, direcionar, obstacularizar, favorecer, acelerar, desordenar as ações dos homens sobre o meio natural. Tal fato decorre das condições naturais diferenciadas da superfície terrestre.

Nesse sentido, Ratzel definiu o objeto geográfico como o estudo da influência das condições naturais sobre a humanidade. Considera a sociedade como um organismo que mantém fortes relações com o solo, para atender as suas necessidades de sobrevivência. Quando a sociedade se organiza para a defesa deste solo, ou melhor, este seu *território*, transforma-se em Estado. O *território* é condição de trabalho e existência de uma sociedade. A perda deste conduz à decadência de uma sociedade.

Já o progresso de uma sociedade implicaria em aumentar o seu território, conquistar novas áreas. A partir dessas ideias, Ratzel elabora o conceito de "es-

paço vital”; que consiste no equilíbrio, entre a população e seus recursos disponíveis para a sua sobrevivência. Há, assim, uma vinculação entre as formulações das ideias de Ratzel e o projeto imperial alemão, que se expressa na justificativa do expansionismo, como um fator natural (MORAES, 2005, p. 69-70).

O Estado passou a estar relacionado a uma sociedade organizada sobre as bases de um território. O território pode expandir-se ou retrair-se conforme a luta pela sobrevivência de uma determinada sociedade. Assim, justificam-se as guerras entre os povos. A concepção de defesa, expansão e domínio de território fora incorporado pelos militares e dirigentes do Estado alemão, de forma atuante, desde as formulações de Ratzel: “exatamente porque não é possível conceber um Estado sem território e sem fronteiras é que vem se desenvolvendo rapidamente a geografia política [...] uma teoria do Estado que fizesse abstração do território” (RATZEL, 1990, p. 73).

Ainda, sobre esse assunto, Moreira (1992, p. 33), esclarece:

[...] os homens agrupam-se em Sociedade, a Sociedade é o Estado, o Estado é um organismo. A Sociedade e o Estado são o fruto orgânico do determinismo do meio. O Estado é um organismo em parte humano e em parte terrestre. É a forma concreta que adquire em cada canto a relação homem-meio, poder-se-ia dizer. A própria síntese. O Estado é assim porque possui uma relação necessária com a natureza: do espaço é que retira sua existência e desenvolvimento. Os Estados necessitam de espaço, como as espécies. A subsistência, energia, vitalidade e o crescimento dos Estados têm por motor a busca e conquista de novos espaços. Troquemos ‘Estado’ por ‘imperialismo’ e entenderemos Ratzel.

A definição de um território físico sob o domínio e que determina um organismo social naturalista para a formação do Estado, já não corresponde com as abordagens da atualidade. Todavia, apesar da exclusão do determinismo naturalista, o termo território, ainda permanece bastante relacionado ao Estado Nação.

Atualmente, na Geografia Contemporânea, há diversas abordagens sobre a categoria território em seus diversos tipos e em diferenciadas escalas. Nesse sentido, serão, aqui, apresentadas algumas dessas abordagens tratadas no contexto de autores da geografia.

Inicialmente é importante destacar as palavras de Souza (1995, p. 81):

A palavra território normalmente evoca o “território nacional” e faz pensar no Estado – gestor por excelência do território

nacional -, em grandes espaços, em sentimentos patrióticos [...], em governo, em dominação, em “defesa do território pátrio”, em guerras... A bem da verdade, o território pode ser entendido também à escala nacional e em associação com o Estado como grande gestor [...]. No entanto, ele não precisa e nem deve ser reduzido a essa escala ou à associação com a figura do Estado. Territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada (p. ex. uma rua) à internacional (p. ex., a área formada pelo conjunto dos territórios dos países-membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN); territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica.

Um dos autores de destaque na abordagem do território refere-se à Raffestin (1993). Ele enfatiza o território político-administrativo, isto é, o território nacional, um território físico onde se localiza uma nação; um território delimitado por uma ordem jurídica e política; um território com seus limites e fronteiras. Mas, destaca que a construção desse território revela relações estabelecidas pelo poder. O poder é exercido por pessoas ou grupos sem o qual não se define o território. Assim, *poder* e *território* são categorias autônomas que se interagem para a consolidação do conceito de território.

Já Haesbaert (2004) aborda o território com diferentes enfoques, apresentando uma classificação em que se verificam três tipos básicos: a) *jurídico-político*, segundo o qual o território é visto como um espaço delimitado e controlado sobre o qual se exerce um determinado poder, especialmente o de caráter estatal; b) *cultural*, que está relacionado às dimensões simbólicas e mais subjetivas, o território visto fundamentalmente como produto da apropriação feita por meio do imaginário e/ou identidade social sobre o espaço; c) *econômico*, que destaca a desterritorialização em sua perspectiva material, como produto espacial do embate entre classes sociais e da relação capital-trabalho, o fator econômico ultrapassa as fronteiras do território.

Sob este último tipo, enfatiza o autor, que as transformações postas pela globalização apontam para o fim das fronteiras, para o fim dos territórios. No entanto, a desterritorialização vai além do campo da geografia, ou seja, “geralmente se acredita que os ‘territórios’ (geográficos, sociológicos, afetivos...) estão sendo destruídos, juntamente com as identidades culturais (que seriam também territoriais) e o controle (principalmente o estatal) sobre os espaços” (HAESBERT, 2002, p. 129). É importante ressaltar que o autor não enfatiza o fim dos territórios, mas o processo de desarrumação ou desterritorialização dos atuais territórios e a formação de novos e múltiplos tipos de territórios.

Andrade (1995) explica que o conceito de território não deve ser confundido com o de espaço ou de lugar, estando muito ligado à ideia de *domínio* ou de *gestão* de uma determinada área. O território está associado à ideia de poder, de controle, quer se faça referência ao poder público estatal, quer ao poder das grandes empresas que estendem os seus tentáculos por grandes áreas territoriais, ignorando as fronteiras políticas.

Assim, o território pode ser entendido como o *controle administrativo, jurídico, político, econômico efetivo* de uma determinada porção do espaço.

Para Santos (2002) o território pode ser distinguido pela intensidade das técnicas trabalhadas, bem como pela diferenciação tecnológica das técnicas, uma vez que os espaços são heterogêneos.

Em uma de suas abordagens sobre o território, Santos (1996), relaciona-o sob a forma de configuração territorial. Afirma que a configuração territorial é o território e o conjunto de objetos existentes sobre ele, objetos naturais e artificiais. Já em outra abordagem, o autor considera a categoria território como: “[...] um nome político para o espaço de um país” (SANTOS, 2003, p. 19).

Nesse sentido pode-se perceber, a partir das abordagens dos autores citados, anteriormente, que a categoria território é dinâmica e sofre redefinições (mesmo que, muitas vezes, essas redefinições sejam parecidas) feitas por diversos autores ou um único autor pode apresentar definições diversas sobre a categoria território.

Outra abordagem sobre a categoria território, ganhando destaque e tem sido objeto de estudo por parte de diversos geógrafos, refere-se aos *territórios informais*. Estes são formados, principalmente, nos espaços urbanos, tanto em países desenvolvidos como em países subdesenvolvidos, e, muitas vezes, não são reconhecidos juridicamente pelo Estado. São territórios constituídos pelo: tráfico de drogas, travestis, prostitutas, comércio informal (vendedores de bens e serviços, sejam, eles ambulantes ou fixos), jogo do bicho, homossexuais etc.

Esses territórios informais podem ser:

a) *cíclicos*: ocorrem em um determinado período de tempo e no mesmo espaço, por exemplo, pode surgir durante a noite e desaparecer durante o dia, como, geralmente, ocorrem com os territórios da prostituição;

b) *móveis*: as territorialidades podem se deslocar de um espaço para outro, os limites do território podem se contrair ou se expandir.

Nesse sentido, é necessário entender a territorialidade como a capacidade individual ou de grupo “[...] de afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e

relações, delimitando e assegurando o controle sobre uma área geográfica” (SACK, 1986, p. 19).

A demarcação das fronteiras (limites) invisíveis ou informais nos espaços urbanos acontece de forma simbólica (geralmente não reconhecidos juridicamente) e com práticas corporais concretas, às vezes de forma agressiva (utilizando, por exemplo, de faca, armas de fogo etc.), para a posse e defesa de um determinado *espaço-território*.

Assim, o espaço se torna um território, desde que seja tomado por uma relação social, onde seus atores se concentram e vivenciam-no em um determinado período de tempo, pois a territorialidade reflete “a multidimensionalidade do vivido territorial pelos membros de uma coletividade” (RAFFESTIN, 1993, p. 158).

Sobre o território e do exercício das territorialidades, especialmente no cotidiano metropolitano, Souza (1995, p. 82-86), relata que:

Estudos sobre ‘tribos urbanas’ e grupos sociais diversos (minorias étnicas, prostitutas, homossexuais etc.) e seus territórios se têm mostrado como importantes contribuições para uma ampliação dos horizontes conceituais e teóricos [...]. Aqui, o território será um campo de forças uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da coletividade ou ‘comunidade’, os insiders) e os ‘outros’ (os de fora os estranhos, os outsiders).

Para Souza (1995, p. 86-87), vários tipos de organização espaço-temporal, de redes de relações, podem constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido em um determinado espaço (ao invés de uma escala temporal de séculos ou décadas, podem ser simplesmente anos ou mesmo meses, semanas ou dias).

Os territórios existem e são construídas (e desconstruídos) nas mais diversas escalas espaciais-temporais. A apropriação de um espaço por uma “tribo urbana” ou um grupo social indica uma territorialização do espaço urbano. Ao apropriar-se de um dado território, esses grupos criam novas normas de procedimentos e regras que, na verdade, pode impedir o livre arbítrio de escolha por parte de seus moradores naquele local, prevalecendo, neste caso, a vontade dos controladores. E, neste caso, o Estado, detentor da ordem, pode usar seu aparelho repressor contra todos para restabelecer a ordem que fora interrompida por esses grupos sociais de controle.

Um fato que deve ser esclarecido, aqui, é que o território poder ser redefinido por diversas formas. Nesse sentido, quando se está explicando sobre essas novas for-

mas de *territórios informais* é chamar atenção de que os territórios podem apresentar-se, também, de forma justaposta e, também, superposta.

O *território justaposto* refere-se, por exemplo, o Brasil é formado por 26 estados (territórios) justapostos (lado a lado) para formar o território do Estado Nação brasileiro. É interessante que na Geografia Política clássica essa forma de território conduziu a uma visão homogeneizadora de interesses comuns “amor” e “defesa” da “pátria mãe”.

Essa forma de representação encobriu outras formas de representações do território, no caso, aqui, o *território superposto*, ou seja, num mesmo espaço podem-se encontrar diversos territórios com interesses diferenciados e, não, em “amor” e “defesa” do Estado Nação, mas aos interesses dos grupos que controlam esses territórios. Por exemplo, conformando-se em um mesmo espaço, numa zona central de uma determinada cidade, podem ser encontrados territórios superpostos da prostituição e do tráfico de drogas, no mesmo horário e no mesmo espaço e cada um dos grupos sociais com interesses diferenciados.

Esses territórios superpostos não ocorrem somente em territórios informais, mas, também, em territórios formais, seja ele de controle estatal ou de firmas capitalistas, por exemplo, podem-se encontrar no território de um município, áreas de influência ou de controle do governo do município, do estado e federal. Podem-se encontrar num mesmo espaço dois territórios superpostos de duas firmas capitalistas atuando em segmentos empresariais diferenciados, por exemplo, uma no segmento de produtos alimentícios, a outra, no segmento de serviços de transportes.

Cabe ressaltar que tanto nos processos formais e informais, podem-se encontrar territórios *descontínuos*. Essa é outra forma, também, de abordar a categoria território, neste caso estamos nos referindo ao *território-rede*. O território-rede é um território descontínuo articulando dois ou mais territórios contínuos, por exemplo, pode-se encontrar um determinado grupo de traficantes de drogas dominando 3 favelas, em diferentes regiões – norte, sul, oeste, numa determinada cidade, cada favela corresponde a um nó, um território contínuo, mas estão em regiões diferenciadas e distantes, o que ligam esses nós, territórios contínuos são as “setas” ou “arcos” (rodovias, avenidas etc.). Assim, temos um território de tráfico de drogas em forma de uma rede, “setas” ou “arcos” ligando “nós”, ou seja, um território descontínuo formado por três territórios contínuos.

É importante saber que esse tipo de *território-rede* tem sido categoria de estudo de diversos especialistas, a exemplo do geógrafo, na compreensão da organização do espaço mundial em relação à atuação das grandes firmas capitalistas, organizações não governamentais, organizações mafiosas etc. numa rede mundial de territórios – território-rede.

Sob a categoria *território*, a Geografia Política privilegia o político, o poder ou a dominação-apropriação de um determinado espaço. Historicamente, o território na Geografia foi pensado, definido e delimitado a partir de relações de poder. No passado da Geografia, Ratzel, ao tratar do território, vincula-o ao solo, enquanto espaço ocupado e delimitado por uma determinada sociedade organizada.

Contemporaneamente, o estudo do território no contexto do Estado Nação, ainda permanece na geografia, mas não por meio do determinismo ambiental. Todavia, outros estudos sobre a categoria território têm sido abordados por geógrafos, fala-se, por exemplo, em complexidades territoriais, entendendo território como campo de forças, ou “teias ou redes de relações sociais”. Segundo Souza (1995), os territórios são no fundo relações sociais projetadas no espaço.

Assim, essa flexibilização ou redefinição da categoria território permite tratar a territorialidade como expressão da coexistência de grupos, por vezes, num mesmo espaço físico. Nessas territorialidades, a apropriação se faz pelo domínio de territórios, apresentando-se, às vezes, sob formas voláteis.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na geografia, há diversos estudos, debates e reflexões sobre o conceito de *território*. A categoria território, não é exclusiva à geografia, é um termo utilizado, também, pelo senso comum e por outras ciências. Há vários sentidos e escalas para a palavra território, mas todos compartilham da ideia de apropriação de uma parcela geográfica por um indivíduo ou uma coletividade. O *território* surge na Geografia Tradicional como um espaço concreto em si, que é apropriado e ocupado por um grupo social.

O primeiro grande autor da Geografia que aprofundou, inicialmente, a discussão sobre o território foi o alemão Friedrich Ratzel. Atualmente, na Geografia Contemporânea, há diversas abordagens sobre a categoria território em seus diversos tipos e em diferenciadas escalas, assim temos os seguintes territórios: formal, informal, poder, econômico, justaposto, superposto, cíclico, móvel, rede.

### REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1995.

ANDRADE, M. C. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CASTRO, I. E. de (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2000.
- FERREIRA, C. C.; SIMÕES, N. N. **A evolução do pensamento geográfico**. São Paulo: Gradiva, 1994.
- GEOGRAFIA: as categorias geográficas, 2007. Disponível em: <<http://www.portalimpacto.com.br/docs/01Franco1ANO Aula03AsCategoriasGeograficas.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2008.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.
- LOPES, Geraldo. **Geografia fácil**. Disponível em: <<http://ube-164.pop.com.br/repositorio/18833/meusite/INalunos.htm>>. Acesso em: 3 nov. 2008.
- LUCCI, Elian Alabi et al. **Território e sociedade: Geografia Geral e do Brasil**. São Paulo: Saraiva, 2005.
- MACHADO, Lia Osório. Limites, fronteiras, redes. In: STROHAECKER, T. M.; DAMIANI, A.; SCHAFFER, N. O.; BAUTH, N.; DUTRA, V. S. (Orgs.). **Fronteiras e espaço global**. Porto Alegre: AGB, 1998. p.41-49.
- MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. 20.ed. São Paulo: Hucitec, 2005.
- MORAES, Antônio Carlos Robert; COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia crítica: a valorização do espaço**. 4.ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- MOREIRA, Ruy. (Org.). **Geografia: teoria e crítica, o saber posto em questão**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Trad. Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.
- RATZEL, Friedrich. Geografia do homem (Antropogeografia). In: MORAES, A. C. R. (Org.). **Ratzel**. São Paulo: Ática, 1990.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Introdução à ciência geográfica**. São Paulo: Avercamp, 2008.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Metodologia científica**. São Paulo: Avercamp, 2006.

SACK, Robert David. **Human territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: Edusp, 2002 (Coleção Milton Santos; 2).

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SENE, Eustáquio; MOREIRA, João Calos. **Geografia**. São Paulo: Scipione, 2008.

SENE, Eutáquio de. **Globalização e espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2004.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O Território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

VESENTINI, José Willian. **Geografia: geral e do Brasil**. São Paulo: Ática, 2008.

VESENTINI, José Willian. **O que é geopolítica? E geografia política?** Disponível em: <<http://www.geocritica.com.br/geopolitica.htm>>. Acesso em: 5 set. 2007.

---

**Data do recebimento:** 20 de Novembro de 2014

**Data da avaliação:** 2 de Janeiro de 2015

**Data de aceite:** 12 de Janeiro de 2015

---

---

1 Doutorando em Geografia pela UFS/SE; Docente da Universidade Tiradentes; Grupo de Pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano – UNIT. E-mail: rodriguesau@gmail.com.

2 Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe; Docente da Universidade Tiradentes; Grupo de Pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano (UNIT). E-mail: adailtonbarroso@gmail.com.

3 Doutoranda em Educação pela PUC/RS/UNIT/SE; Docente da Universidade Tiradentes e Secretária de Estado da Educação de Sergipe; Grupo de Pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano – UNIT. E-mail: ritadte@gmail.com

4 Graduando em Geografia pela Universidade Tiradentes (6º Período); Grupo de Pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano – UNIT. E-mail: danielvieirasst@hotmail.com

5 Graduando em Geografia pela Universidade Tiradentes (6º Período); Grupo de Pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano – UNIT. E-mail: rluizmf@hotmail.com.